

ANAIS DA 65ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC – RECIFE, PE – JULHO/2013

ARQUEOLOGIA E POLÍTICA: A HISTÓRIA E A VERDADE

Gabriela Martín Ávila (UFPE)

A arqueologia relata uma história baseada em fontes materiais, que não pode ser a mesma que mostram os textos escritos, embora, tanto uns como outros sejam incompletos na maioria dos períodos da história. Teoricamente, sendo as fontes materiais a base da pesquisa arqueológica, esta deveria estar isenta ou menos contaminada do lado subjetivo da interpretação, pois se trabalha com fatos e não com pensamentos e, como dissera Winston Churchill, *os fatos são muito teimosos*. Eu disse teoricamente, mas como todos sabem a teoria tem seus limites e a manipulação da arqueologia para fins escusos sofreu intervenções tão funestas como muitas outras ciências, não somente as ciências humanas, também as da terra e até as ciências exatas.

Os métodos da arqueologia, particularmente da arqueologia pré-histórica, se apóiam cada vez mais nas ciências da terra, na física, na química, na antropologia física e, mais recentemente, na arqueometria e na metrologia arqueológica entre outras, como forma de se lograr o fato científico, fugindo do uso do condicional, tão prejudicial à interpretação científica, tal como o “*poderia ter acontecido desta ou de outra forma, ou certos povos poderiam ter migrado deste este ou daquele lugar*”... . Mas, por frios e precisos que tenham sido os dados, as manipulações tem sido, às vezes, também descaradas. Parece que o ideal da objetividade nas ciências sociais seria inalcançável e até, quase desejável que assim seja para a manutenção da dialética permanente.

Pensei então abordar a reconstrução do passado que é o fim da arqueologia desde a ótica da política e da ética e mostrar como, o que deveria ser uma ciência objetiva, desprovida de paixão, pois o passado não se modifica, tem sido muitas vezes utilizada para fins políticos desprovidos de toda ética. Afirmativas triunfalistas da existência de culturas superiores e denegatórias do diferente têm arquitetado falsas teorias quando foi conveniente. Com isso quero dizer que a Arqueologia, como qualquer outra disciplina científica ou qualquer aspecto da vida não escapa da política, relação com a qual os cientistas abominam, mas que está presente também nas outras ciências. Parece até estranho que um método e uma ciência que estudam o passado tenham sido tão manipulados e tenham criado tanta celeuma nas “arqueologias” que circularam ou ainda circulam no mundo. A Arqueologia está muito impregnada do subjetivo tanto quanto as outras ciências humanas; conseqüentemente, elas devem ser reescritas ao final de algumas décadas.

Citarei alguns exemplos começando pelos mais recentes e procurando não cair em qualquer inclinação tendenciosa e lembrando o escritor e político pernambucano Paulo Cavalcanti: *o caso eu conto como o caso foi*.

O Estado de Israel, uma das poucas democracias do Oriente Médio está, porém, muito dominada por uma direita radical, ultraortodoxa. Israel posicionou-se contrária, junto aos Estados Unidos, seu aliado mais próximo, à entrada da Palestina como membro da UNESCO. Como se explica essa oposição à entrada da Palestina numa instituição cultural da ONU, que tem prestígio, mas pouco dinheiro? Isto se explicaria pela possibilidade de que qualquer reivindicação territorial baseada no passado seja admitida na UNESCO e, nessa circunstância a arqueologia pode pesar muito, para que estas reivindicações sejam atendidas. Lembremos também a guerra dos seis dias, em 1967, com a tomada do Sinai. O general Moshe Dayan, herói, e também arqueólogo nas horas vagas, levou um exército de arqueólogos nas terras ocupadas, com a finalidade de demonstrar a presença judaica nessas terras desde tempos bíblicos. Cabe perguntar, isso daria maiores direitos de ocupação, nessa região aos israelitas? O princípio de antiguidade seria um argumento válido para a ocupação das terras? As escavações arqueológicas com marcados fins políticos continuam intensamente por parte do Estado de Israel em Jerusalém Oriental na procura dos restos dos templos antigos, especialmente o de Salomão, os quais se encontrariam, precisamente, na Esplanada das Mesquitas, área também sagrada para os muçulmanos. Embora devamos reconhecer, em nome da verdade, que não é uma atividade com a que concordem todos os arqueólogos de Israel.

Ao longo da história vemos que tem sido próprio dos impérios imporem uma burocracia generalizada que anule a individualidade e singularidade dos submetidos. A coerência do discurso depende muito da interpretação de cada autor, mas em tempos de crise e quando falo de crise me refiro ao estado de crise permanente do homem, a coerência do discurso é mais difícil de ser equilibrada. Exemplos gritantes, que hoje seriam ridicularizados, foram imposições levadas a sério em diversos períodos da história.

Afortunadamente, o Reich dos mil anos somente durou 12 portanto, não houve tempo de passar da teoria à prática, mas de qualquer forma a afirmativa de Himmler era categórica: *"a arqueologia do III Reich é a demonstração da superioridade da raça ariana sobre todas as demais"*, alimentando assim os conhecidos delírios de Hitler. Anteriormente, com a subida do fascismo italiano ao poder, Mussolini tinha instalado um enorme mapa no Palazzo Venezia sede do governo em Roma, o que, no seu sonho de grandeza, deveria ser a Grande Itália e que não era mas do que o mapa do Império Romano à época da sua maior expansão nos reinados de Trajano e Adriano.

Os princípios da arqueologia na antiga União Soviética se apoiaram na teoria marxista mais radical, considerando que a essência da vida humana é a atividade produtiva material, o trabalho realizado com as nossas mãos, o resto, como o pensamento ou as atividades artísticas é secundário. Está escrito nos Manuscritos de 1844 e depois no Capital. Marx acreditava na existência de um comunismo primitivo no qual o homem era dono do seu trabalho e esse conceito se enquadrava perfeitamente com uma arqueologia pré-histórica sem propriedade, nem luta de classes. Em 18 de abril de 1919, Lênin assina um decreto que estabelecia a Academia Russa de História e Cultura Material em substituição da czarista Comissão Imperial Arqueológica. Inicia-se, assim, uma poderosa rede centralizada de investigação arqueológica que depois de 70 anos chegou a ser a maior do mundo, embora, também, a mais desconhecida e, somente a partir da Perestróica é que os arqueólogos soviéticos começaram a aparecer em revistas, de língua inglesa. Durante o stalinismo ser intelectual passou a ser sinônimo de inimigo do povo e ter uma posição científica poderia ser muito perigoso. É curioso como a palavra arqueologia é substituída pela denominação "*história das sociedades sem classes*", embora se tenha dado especial ênfase à imposição dos direitos paleo-históricos. Os mapas arqueo-históricos que nos começos seriam pan-eslavos, da união de todos os povos da URSS, o que significava um sexto da população mundial, irão perdendo força com o avanço do centralismo estalinista que pretenderá demonstrar a força da expansão centrífuga da Rússia em todas as direções da União das Republicas Soviéticas Socialistas. A cultura genuinamente russa será mais importante que o pan-eslavismo.

Temos tantos exemplos de manipulação política dos dados arqueológicos nos cinco continentes que sou obrigada a lembrar, neste breve texto, apenas os mais gritantes como são os casos de arqueologia racista nos países africanos. A negação do elemento africano na civilização do Grande Zimbawbe, na antiga Rodésia do governo de Ian Smith, onde se proibiu registrar que tinha sido construído por populações negras. Citarei, também, a afirmativa da súbita interrupção da inteligência dos banto, na puberdade, que os faria incapazes para se auto governar, num caso de autentico delito antropológico.

Os casos citados da África, têm-se repetido ao longo da história das Américas com as diferentes "*teorias*" para justificar a exploração dos indígenas tentando demonstrar a sua inferioridade física e cultural frente aos invasores europeus. A arqueologia colonial americana está cheia desses exemplos e, embora sejam hoje atitudes ultrapassadas, o sentimento colonial de superioridade leva ainda os arqueólogos norte-americanos a reagir ao reconhecimento de mais antiguidade da pré-história sul-americana do que a da pré-história da América do Norte.

Considero que o arqueólogo brasileiro, como qualquer outro cientista, deve praticar uma arqueologia comprometida; e por este conceito entendo o uso da

Arqueologia na procura e na afirmação da identidade cultural na América Latina, aliada à verdade e à ética.

Nesse sentido, e, para encerrar o espaço que me permite o resumo da conferência pronunciada, refiro-me a um fato arqueológico atual, latente e de arqueologia pernambucana. O Departamento de Arqueologia da UFPE, em convênio com a Fundação Seridó, está realizando o acompanhamento arqueológico da construção do Habitacional do Pilar que, sob a responsabilidade da Prefeitura da Cidade do Recife, está levantando moradias populares que devem substituir dignamente a uma favela no coração do bairro histórico português e holandês da cidade. Em cumprimento da lei federal temos acompanhado sistematicamente as obras de construção do conjunto habitacional, coletando os achados arqueológicos na rotina diária dessa construção. Mas, recentemente e num momento em que as obras se aceleraram, os arqueólogos responsáveis descobriram um cemitério colonial que se remonta ao século XVII, para alegria de uns e desgosto de outros. Construtores, empreiteiros e alguns políticos detestaram esse achado que pode dificultar o andamento dos seus cronogramas; alegria e interesse por parte de arqueólogos e historiadores que estudam e amam conhecer as suas raízes históricas. A seguir vieram as especulações: quem seriam aqueles indivíduos - que somam já 38 esqueletos quando ainda não conhecemos os limites da necrópole? A proximidade das ruínas do Forte de São Jorge indica, que poderiam ser soldados; a forma como foram enterrados os aproxima do ritual judeu; as fontes históricas levantadas assinalam a existência de um cemitério judeu perdido e longamente procurado pela comunidade israelita, mas também, a comunidade afro-brasileira cogita da possibilidade da sua pertença. Seriam soldados judeus holandeses? hugonotes holandeses, que também se enterravam de forma despojada e parecida? Enquanto se discute a origem da descoberta, que fazem os arqueólogos responsáveis pelo achado? Simplesmente permanecemos calados. Análises de DNA mitocondrial, datações de carbono 14, hábitos alimentares, idade e gênero, doenças, procura de possível exoval funerário ou a ausência dele, são entre outras pesquisas factíveis de serem realizadas e que nos levar à identificação dos indivíduos que ali foram enterrados, os quais, malgrado interesses escusos, deverão ser retirados e tratados com todo o respeito como testemunhas da sociedade pernambucana à época e detentores, nas suas singelas covas, do passado histórico da cidade do Recife. Esse comportamento é, para nós, o de uma arqueologia comprometida com a verdade e a ética históricas.

